

RESENHA

DIVÓRCIO: O CORPO E OS LIMITES DA FICÇÃO

Jacques Fux¹

RESUMO

Ricardo Lísias, personagem do livro *Divórcio*, após quatro meses de casado, encontra o diário de sua esposa sobre a mesa da sala e começa a folheá-lo. Ao ler os diversos relatos da esposa, questão eticamente discutível, descobre-se em um pesadelo. Vive com uma mulher que não o ama, que não o admira e que relata detalhes de uma traição cometida durante o início do casamento. O personagem, sem pele e sem ar, somatizando a dor das palavras e das ações, faz uma cópia do diário, sai perdido pela cidade de São Paulo e pede o divórcio. Assim começa essa interessante trama e, diante de algumas semelhanças biográficas e autoficcionais, dá lugar a muitas especulações e provocações acerca dos limites e do poder da literatura.

Sucesso de escândalo instantâneo, confundiu crítica e público porque seu narrador, em primeira pessoa, parecia se sobrepor de maneira perturbadora ao que se conhece do próprio autor. O enredo rumoroso, feito do que fez a fama do romance realista moderno (sexo, poder, sucesso e derrocada, em chave individual, um casamento desfeito traumáticamente em cena pública, com direito a bastidores do mundo editorial, jornalismo cultural, inclusive), espicaçava o lado voyeur de todo leitor, de resto, sempre bem acordado em nossa sociedade do espetáculo. (ANDRADE, 2013)

Aqui, portanto, embora muitos tentem achar e descobrir os ‘verdadeiros’ personagens dessa inventiva história, o mais importante, a meu ver, é o de discutirmos a questão primordial da literatura. Ricardo Lísias, autor, faz uso das palavras, da realidade que percebe e recebe e, claro, de seus dados biográficos; seja de sua vida, seja da vida que o cerca, para criar. E aí está a beleza e o poder da Literatura: a liberdade das palavras.

Eis algo que também aprendemos com Lísias: a literatura acontece no espaço entre as imagens e a experiência, ali onde descansa tudo o que a memória não pode recompor senão quando se faz, ou se torna literatura. *É preciso contar.* Se não há compromisso com a ficção, nada do que se viu pode ser vivido como história. (MONTEIRO, 2013)

Essa pequena resenha, portanto, discute o compromisso da ficção e do poder inventivo das palavras usando recursos autoficcionais.

Limites

Contrário ao que Lísias fez em o *Divórcio*, mas usando os mesmos recursos, agora espectrais, invenções de personagens, de bibliografias, de livros apócrifos e de autores perdidos em edições malditas foram muito utilizados, por exemplo, em Borges. Inicialmente, os críticos buscavam por essas referências e esses supostos personagens históricos, mas obviamente fracassavam. Por fim, admitiram que esses recursos faziam parte de uma nova proposta literária, de um modo particular de fazer e de pensar a literatura que acabou influenciando muitos escritores em todo o mundo. No entanto, algumas pessoas quiseram fazer o caminho oposto no livro de Lísias, já que o ameaçaram e tentaram impedir judicialmente a publicação de seu livro ficcional:

O tema da responsabilidade diante do outro, e da importância de escrever, sustenta a trama de *Divórcio*. Insisto, contudo, tratar-se de ficção. Ler este ou qualquer outro livro de Ricardo Lísias como um *roman à clef* na forma de não compreender o alcance de sua literatura, cuja força está na maneira como aproxima o dado real da trama ficcional, sem no entanto deixar que eles se toquem, mesmo quando eles sejam supostamente coincidentes; sem deixar, enfim, que o círculo que dá ao livro seu caráter de ficção se rompa totalmente. (MONTEIRO, 2013)

¹ Harvard University. Cambridge – Massachusetts – EUA. Pós-doutorando Unicamp. Bolsista FAPESP. E-mail: jacfux@gmail.com.

Acredito que, entre os limites do real-que-existiu e da realidade que se (re)escreve e (re)inventa, não deve haver, pelo menos não no plano da arte e da literatura, um investimento de (des)valorização de um sobre o outro, mas sim uma troca contínua, retroalimentadora, inventiva e consciente (ou pelo menos crítica) de sua interdependência mútua, nos moldes da arquitetura triádica do pensamento de Wolfgang Iser: imaginário-fictício-real (FUX e MONTEIRO, 2013). De acordo com ele, “a relação dupla da ficção com a realidade deveria ser substituída por uma relação triplíce” (ISER, 1996, p. 13), já que

a relação opositiva entre ficção e realidade, enquanto “saber tácito”, já pressupõe a certeza do que sejam ficção e realidade. A determinação nitidamente ontológica atuante neste tipo de “saber tácito” caracteriza a ficção justamente pela eliminação dos atributos que definem a realidade. Nesta certeza irrefletida, recalca-se também o problema que tanto atormentava a teoria do conhecimento do início da idade moderna: como pode existir algo que, embora existente, não possui o caráter de realidade? (ISER, 1996, p. 13-14)

Qual a realidade de Lísias? Qual a realidade do *Divórcio*? Personagens reais e histórias factuais? A literatura não se importa e não deve se importar. Lísias está consciente dessa relação triplíce, e leva essa questão ao extremo das próprias palavras. Esse problema, no entanto, é recalcado porque esconde um outro, certamente mais complexo: o de lidar com um “ser” que não é nem existente nem inexistente; que transita entre os polos (real/ficção), descosendo seus limites. Para Iser e Lísias, a meu ver, o que está em jogo, além do desejo de trabalhar fora da dualidade, é o de descobrir como o espaço intervalar entre ficção e realidade funciona, como as interações entre esses campos são feitas. O fictício seria um “objeto transicional”, que se move entre o real e o imaginário (FUX e MONTEIRO, 2013). Os “atos de fingir”, de acordo com Iser, são modos operatórios, objetos transicionais que articulam permanentemente o trânsito entre o imaginário e o real, entre o “objetivamente percebido e o subjetivamente concebido” (ISER, 1996, p. 36-37, nota 31). Assim, ao transcrever o diário de sua esposa, Lísias está nesse mundo fictício transicional, apesar das próprias referências: “Imagina eu tendo um filho com o autista com quem casei. O Ricardo (Lísias) é patético, qualquer criança teria vergonha de ter um pai desse” (LÍSIAS, 2013, p.21).

Essa operação, que se vale muito bem Lísias, permite que os limites (tácitos) entre imaginação e realidade se esfuem. Em outras palavras, enquanto o real (bem como sua determinação, sua evidência) se irrealiza, ou seja, enquanto o real torna-se um pouco menos evidente e sugere que tem muito de inventado, a indeterminação e o caráter difuso do imaginário diminuem um pouco, aquilo que estava na imaginação se realiza, torna-se mais próximo e mais real (FUX e MONTEIRO, 2013).

o que pode fazer a ficção com aquilo que não é ficção? Até onde podemos ir – os *narradores* que sempre somos quando contamos uma história – nessa aproximação do mundo não ficcional? Mas contar histórias é sempre produzir ficção, mesmo quando queremos dizer o que realmente se passou? (MONTEIRO, 2013)

Lísias conta, canta e encanta. Conta sua história, canta sua dor e encanta através das palavras que libertam. Esse trânsito contínuo entre o real e a ficção configura uma indeterminabilidade, uma “determinação apenas diferencial”, ou seja, de apenas um dos termos em relação aos outros dois, e nunca de forma total (ISER, 1996, p. 11). Só é possível capturar algo do real de forma “um pouco mais real” no interior da ficção – e vice-versa. “ACONTECEU NÃO É FICÇÃO” (LÍSIAS, 2013, p.16), brinca Lísias (autor e personagem) com o próprio interior da ficção. Ao vermos o imaginário de alguma forma concretizado na ficção, percebemos sua existência fora de nós, o que não é possível de nenhum outro modo. Os *atos de fingir* (a seleção, a combinação e o “como se”, entre outros) permitem que possamos nos aproximar de cada um dos polos real-irreal apenas quando nos aproximamos do outro, o que não deixa de ser absolutamente paradoxal. Esse *movimento* de aproximação-afastamento é sempre imperfeito e parcial e acontece nos mais diversos níveis, o que o torna incomensurável (FUX e MONTEIRO, 2013).

Assim o fictício, que é o próprio ato de fingir, pode conseguir que “nossa relação com o mundo do texto tenha o caráter de um acontecimento” (ISER, 1996, p. 29). Lísias (autor) ironiza esse conhecimento: “O Ricardo leu muito mas não sabe nada. Meu marido e esses amigos idiotas que ele anda” (LÍSIAS, 2013, p.73). Em outras palavras, entende-se o espaço da literatura (da ficção) como um espaço de presentificação, de atualização, que é conquistado no momento presente da leitura. Para esse momento presente, que não é de modo algum “puro”, convergem as ficções do passado (que serão ali reatualizadas) e as ficções do futuro (idem) (FUX e MONTEIRO, 2013). Ou, nas palavras de Iser, devido ao grau de determinação que o imaginário alcança, ele se converte em experiência (em ato, em tempo presente, em real) e, portanto, deve ser reconvertido em sentido (ISER, 1996, p. 28-30), em ficção.

A questão ética de *Divórcio* é a questão da ética da ficção: se a invenção não prescinde da realidade como porto original, a ficção será sempre uma espécie de viagem à roda desse porto, ora aproximando-se, ora distanciando-se dele. Mas ninguém sabe de Alonso Quijano, fonte do *Dom Quixote*. Já Ricardo Lísias está por aí, escrevendo, ensinando, publicando. Entretanto, a menos que mergulhe no mar de fofocas que envolve a feitura de *Divórcio*, o leitor jamais saberá se o diário é verdadeiro e se o narrador é o autor, isto é, se Ricardo Lísias é Ricardo Lísias. Portanto, jamais encontrará a linha que separa a ficção da realidade. (MONTEIRO, 2013)

O corpo

Lísias sente e vive a dor das palavras e das ações, sua e de sua ex-esposa, no próprio corpo. Todas as questões refletem e reinventam seu corpo, questão interessante para a literatura. Ao enfrentar o diário, Lísias está enfrentando os próprios limites do corpo enquanto morada da palavra. Assim, para Derrida, por exemplo, “é preciso falar *do* fantasma até mesmo *ao* fantasma e *com* ele” (DERRIDA, 1994, p.11). Lísias fala do passado recente, de traumas sendo vividos e do que resta para tentar enfrentar e superar esses fantasmas.

O fantasma, aqui da traição e da decepção, é combatido. O tempo não é remédio para expiar o passado. Assim caminha a narrativa, como um enfrentamento que busca combater as chagas da próprio corpo sem pele.

O corpo sem pele causava uma sensação de calor e uma ameaça constante de esfolamento. Deitado, o frio aumentava e o leve tremor, contínuo e discreto, intensificava-se a ponto de quase virar um calafrio. Uma convulsão seria desastrosa. (LÍSIAS, 2013, p.47)

O corpo, portanto, passa a ser incerto, como escreveu Kafka “(...) era natural que até a coisa mais próxima, o próprio corpo, se tornasse incerto para mim; cresci e espichei para cima, mas não sabia o que fazer com isso, o fardo era pesado demais, a coluna ficou encurvada; mal ousava me mover, menos ainda fazer exercícios, e permaneci fraco” (KAFKA, 1997, p. 54), e deve ser reconstruído para continuar viver, como o personagem Ricardo Lísias o faz.

Abri a janela mas o vento começou a me incomodar. Um corpo sem pele é muito sensível. O calor aumenta a impressão do queimado, e o frio, por sua vez, parece que vai direto para os ossos. É impossível sentir algum conforto. Resolvi fechar tudo e, quando respirei fundo, meu estômago revirou. (LÍSIAS, 2013, p.59)

Divórcio coloca em pauta várias questões contemporâneas e universais. Os limites das ações, da ficção, do real photoshop através das palavras. Palavras essas que transformam corpo e texto. Assim, *Divórcio* merece ser lido, discutido, polemizado e reinventado em outras ficções.

Referências

ANDRADE, Fábio de Souza. “A raiva do enxadrista”. *Piauí*, Edição 85, Outubro de 2013. Disponível em: <http://revista-piaui.estadao.com.br/edicao-85/questoes-literarias/a-raiva-do-enxadrista>. Acesso: 9/12/2013.

DERRIDA, Jacques. *Espectros de Marx*. Tradução de Anamaria Skinner. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1994.

FUX, Jacques; MONTEIRO, Rebecca. “Literatura e verdades em ‘Felicidade demais’ de Alice Munro”. In: *Interfaces Brasil/Canadá*, 2013 (texto ainda não publicado).

ISER, Wolfgang. *O fictício e o imaginário*. Tradução de Johannes Kretschmer. Rio de Janeiro: Editora UERJ, 1996.

KAFKA, Franz. *Carta ao pai*. Tradução de Modesto Carone. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

LÍSIAS, Ricardo. *Divórcio*. São Paulo: Alfaguara, 2013.

MONTEIRO, Pedro Meira. “Como falar a verdade”. *Celeuma*, Ano I, 2013. Disponível em: <http://mariantonia.puceu.usp.br/celeuma/?q=revista%2F3%2Fresenhas%2Fcomo-falar-verdade>. Acesso: 9/12/2013.

1 Conceito desenvolvido por Iser a partir de D. W. WINNICOTT. *Playing and Reality*. Londres, 1971. p. 11-14. *apud*: ISER, 1996, p. 36-37.